

grandes pilhas de cortiça e procedendo ao bem conhecido *maquillage* que as tornará atractivas ao comprador.

E no espirito de todos os interessados — desde o proprietário que aguardou a tirada durante nove anos pelo menos e agora arca com as respectivas despesas, ao industrial que espera a cortiça indispensável à sua laboração e à multidão de operários que de um e de outro dependem — batia a pergunta inevitável, cuja resposta tão profunda influência terá na vida de cada um e no bem estar geral: qual será o preço da cortiça este ano?

Tal pergunta tem chegado à Junta das mais diferentes proveniências e por isso vamos fazer sobre ela algumas considerações.

No momento em que escrevemos—princípios de Julho — é muito cedo para fazer prognósticos, pois a situação não está esclarecida e a nossa attide não pode deixar de ser de mera expectativa.

São conhecidos, porém, certos elementos de ordem geral que não deixarão de influir na orientação do mercado.

Sabe-se, por um lado, que não há *stocks* acumulados no País, visto que exportámos no 1.º semestre do ano corrente 75.000 toneladas de cortiça e seus produtos, contra 61.000 no 1.º se-

mestre do ano passado — 124.000 em todo o ano de 1938. O aumento foi particularmente sensível na cortiça em prancha e aparas.

Por outro lado, sabe-se que a tirada espanhola não excederá as 45.000 toneladas, em grande parte necessárias ao reabastecimento da Catalunha. Parece, portanto, poder-se afirmar que a procura não faltará e que a nossa tirada não ficará por colocar.

Em sentido inverso, são bem conhecidos os maus resultados do ano findo para os industriais que se aventuraram demais nas suas compras; é, pois, também de prever que, na maioria dos casos e a não surgirem factores imprevistos, o nível dos preços do ano passado não poderá ser igualado.

A incerteza da situação internacional e o retraimento de negócios que ela provoca igualmente podem agir no sentido da baixa.

Afora estas generalidades, parecem-nos pre-maturos quaisquer prognósticos e muito menos airmes injustificados, num sentido ou noutro, cumprindo a todos, tanto compradores como vendedores, guardar o indispensável sangue frio durante o período já curto que falta para que se definam mais claramente as tendências do mercado.

Uma expectativa atenta, é tudo quanto, por agora, nos é lícito aconselhar.



Subericultura

O PROBLEMA DA QUALIDADE DA CORTIÇA NOS SOBREIRAIS AO NORTE DO TEJO

POR J. VIEIRA NATIVIDADE

Engenheiro Agrônomo e Silvicultor

ILUSTRAÇÕES DO AUTOR

II

VIMOS que as condições de meio em que o Sobreiro vegeta não podem ser olhadas como determinantes fundamentais da qualidade da cortiça produzida. Vejamos agora qual a influencia que nela tem o tratamento dispensado ao arvoredo, que difere consideravelmente do sul para o norte.

Insistimos nestes aspectos da questão da qualidade, e até nalguns pontos de vista em parte já expostos em trabalhos anteriores, porque entendemos que sem uma noção clara dos problemas do montado não é possível empreender a obra de valorização das cortiças portuguesas que a economia nacional exige. Há que enunciar com clareza o problema magno da qualidade para sabermos onde, quando e como o poderemos atacar.

Orgulhosamente e com fundamento afirmamos produzir a melhor cortiça do mundo. Bom seria que esta circunstância não nos envaidecesse a ponto de nos dar uma visão enganadora do panorama suberícola português e de não nos deixar ouvir os murmúrios da produção, do comércio e da indústria.

Porque o Sobreiro encontra em Portugal condições óptimas de desenvolvimento e, qual servo dócil,

dedicado e fiel, parece não sofrer com o tratamento egoísta a que tantos o sujeitam, não pensemos que seja possível manter, não já o bom nome das cortiças portuguesas, mas ao menos o arvoredo em boas condições de vitalidade, com a desordenada exploração a que está submetida a maioria dos povoamentos de sôbro do país.

Três práticas caracterizam, como é sabido, a exploração suberícola alentejana: a mobilização periódica do solo, com ou sem cultura agrícola, a poda do arvoredo e os desbastes sistemáticos que levam à baixa densidade, — algumas delas até há pouco desconhecidas, a bem dizer, nos sobreirais do centro e do norte. Vejamos o papel que aquelas práticas desempenham na qualidade da produção suberosa.

A mobilização do solo favorece o crescimento da árvore e melhora portanto as suas condições de vida por razões sobejamente conhecidas; torna mais abundante e mais regular a frutificação e, no que se refere à cortiça, beneficia o calibre, graças à maior espessura das camadas anuais suberosas. Sabemos, porém, que a mais elevada intensidade de crescimento agrava a porosidade e inferioriza a cortiça, em maior grau nas cortiças tipicamente frouxas, menos nas cortiças pouco ou medianamente porosas, como se verifica no gráfico IV do nosso artigo anterior.

A melhoria no calibre, que na prática corrente só se consegue elevando o número de anos de criação, passou a ser obtida com as charruadas, embora com prejuízo da qualidade, pois as árvores que produzem cortiça superior, que não sofre depreciação com o rápido aumento do calibre, constituem uma percentagem mínima nos povoamentos actuais. A mais rápida formação suberosa determina, como vi-

o crescimento porque priva a árvore da quasi totalidade da folhagem (suprime 90 a 95 % da ramagem). É o freio, digamos, para o abuso nefasto da charruada.

Não se depreenda daqui que tal prática é útil: jamais podemos contemplar a sangue frio esse arvoredo mutilado, quadro de repugnante pilhagem que envergonha a nossa tradição subericola e nos causa



Fig. 1 — Consociação de Sobreiros com o Carvalho português em talhadio, na Estremadura

mos, aumento da área lenticular, tanto pelo aumento real do tamanho das lenticulas, como pelas deformações nos canais lenticulares.

A prática da mobilização periódica do solo, e sobretudo o seu abuso, longe de melhorar a qualidade das cortiças do sul, transformou em produção vil de cortiças frouxas as messas já precárias de tantos dos nossos montados.

Ao contrário das lavouras, a poda exagerada e muito especialmente a desastrosa arreia, contraria

o crescimento, como mostrámos em trabalhos anteriores, e daí há que esperar diminuição da porosidade, mas tão escassa sob o ponto de vista comercial, e obtida com tal sacrifício da vitalidade da árvore, que em caso algum pode servir para justificar a prática da arreia.

Com o regime de baixa densidade que caracteriza a generalidade dos montados do sul ocorre situação idêntica à que descrevemos a propósito da mobilização do solo. A sua influência na produção suberosa é apenas quantitativa. Há melhoria no calibre, pelo maior desafogo em que as árvores vegetam, e portanto agravamento da porosidade, que se corrige na prática, tanto pela arreia, como pela maior superfície de descorticação. Aquela influência na qualidade que procuramos no tratamento alentejano também não vem por este lado.

Chegamos assim a alguns dos muitos paradoxos que nos oferece a subericultura portuguesa.

Afirma-se que a lenta formação da massa suberosa, ou seja a delgada espessura das camadas anuais, é indispensável à boa qualidade da cortiça, e enaltece-se a técnica alentejana que a-final favorece o crescimento; olha-se com desdém, e até certo ponto justificado, para as cortiças do norte, criadas num regime contrário à rápida expansão vegetativa, e invalida-se assim, sem mais profundo exame, a primeira afirmação.

Por sua vez, na técnica alentejana recorre-se ao mesmo tempo a práticas que levam a resultados inteiramente opostos: favorece-se o desenvolvimento da árvore pelo granjeio do solo e pela baixa densidade; contraria-se com a arreia e amiúde também com o descorticação excessivo ou repetido a curtos intervalos (regime de tiradas graduais).

Tôdas estas particularidades do cultivo influenciam a produção suberosa quantitativamente, com reflexos, como é de esperar, na porosidade, mas sem a influência *decisiva* no valor comercial do produto que muitos admitem.

*

*

do meio; e tal facto não é para surpreender se tivermos presente quanto, acima destas influências, estão os caracteres estruturais da árvore, as suas aptidões hereditárias, que tivemos já oportunidade de pôr em relêvo noutros estudos.

Ao contrário do que é corrente fazer-se em silvicultura, onde só as reacções do povoamento interessam, não podemos olhar os sobreiros em conjunto, mas sim tendo em conta as características de cada indivíduo, o valor e as aptidões de cada unidade de produção. É este o ponto de vista da subericultura moderna.

Contra o nosso modo de ver, fundamentado já com largas observações, que hoje ainda prosseguimos na análise da descência de algumas árvores em estudo, há quem aponte certos factos que parece constituírem excepção, e com êles pretenda invalidar leis da hereditariedade comuns, a-final, a todos os seres vivos. Entre êles citaremos a ocorrência de uma ou outra árvore em que a qualidade da cortiça ou melhora ou piora de modo notável de uma para outra tirada. Nenhuma das pretensas excepções que nos foi dado examinar até agora invalida o preceito fundamental enunciado, pois muitas delas têm como causa simples perturbações fisiológicas, que se reflectem na actividade da assentada geradora da cortiça. O número dessas árvores é tão diminuto nos nossos povoamentos que mal é possível por agora submetê-las a estudos metódicos para esclarecer definitivamente as causas de algumas destas aberrações ainda obscuras, quando outras questões mais graves pedem solução urgente.

*

*

É, pois, a aptidão natural da árvore, o seu património hereditário, que devemos tornar responsável pela qualidade da cortiça produzida, tomando aqui, e mais uma vez o repetimos para evitar desastrosas confusões, a palavra qualidade no sentido que interessa verdadeiramente a nossa subericultura.

E logo se torna claro o que se nos afigurava obscuro: a superioridade das cortiças do sul em relação às do norte, que nem as diferenças de meio e de tratamento permitiram explicar; clara se torna também a razão por que o principal pormenor da técnica alentejana com decisiva influência na qualidade se tem conservado obscuro, a ponto de só

rara e muito modernamente ser mencionado pelos poucos subericultores que em Portugal escreveram sobre coisas do Sobreiro.

Únicamente o critério seguido nos desbastes conduziu ao melhoramento da qualidade média da cortiça alentejana. E se este pormenor da técnica cultural, de tão benéficos efeitos, passou sem ser pôsto em relêvo como merecia é porque êle raro foi aplicado com o propósito directo, exclusivo, de beneficiar a qualidade da produção dos montados, muito embora o subericultor alentejano, imprimindo-lhe a orientação mais vantajosa e mais racional, demonstre

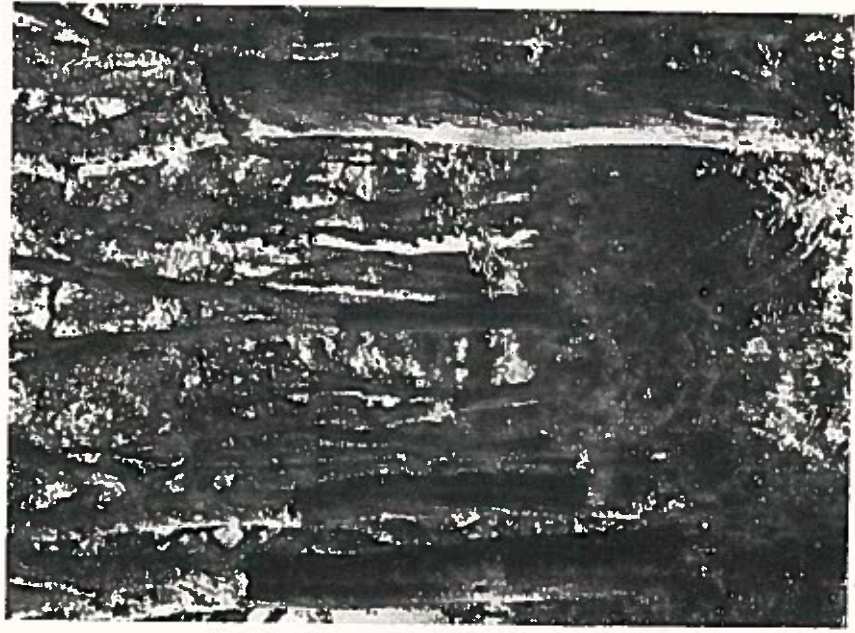


Fig. 2 — Sobreiral muito denso, ao norte do Tejo. A elevada densidade, que deformou acentuadamente as copas do arvoredo, não prejudicou o desenvolvimento da mania viva

conhecer tôda a utilidade que de tal prática podíamos tirar.

A necessidade dos desbastes impôs-se, como vimos, por múltiplas circunstâncias. De início, na defesa contra o fogo, para melhoria da produção de fruto, para mais rendoso aproveitamento do solo e

desvalorize, as pranchas de boa qualidade que aparecem.

A esta razão fundamental de envilecimento outras se juntam, que mais agravam a aparência já pouco atraente das pilhas: a tirada é feita a maior parte das vezes por operários inexperientes; a certeza de que o produto só vale como refugo e a ganância do intermediário pouco escrupuloso levam ao descortimento excessivo, à própria mutilação das árvores. As pranchas são defeituosas, com grande percentagem de bocados; o calibre é diminuto; a cortiça, enguiada, porque as árvores são precocemente descortijadas, e até por fim se abusou, como todos sabemos, da extracção da cortiça sem idade legal.

Realizam-se desbastes, é certo, mas sem qualquer propósito de selecção. A cortiça é um produto tão secundário nesses pequenos povoamentos que é natural a ignorância do modesto agricultor quanto ao tratamento mais adequado à espécie e quanto aos processos culturais de a valorizar.

Algumas excepções parece desmentirem o que acabamos de escrever. Há povoamentos bastante densos no norte do país que produzem uma percentagem relativamente elevada de boas cortiças e onde portanto êste nível da qualidade não se pode attribuir aos desbastes sistemáticos.

Referimo-nos especialmente a Trás-os-Montes onde, não há muito, nos foi dado observar algum arvoredo nestas condições. Sem nos determos por agora na hipótese, que nos não parece aventurosa, da existência de povoamentos constituídos por indivíduos de maior pureza genética, ou pelo menos com maior quantidade de árvores produtoras de cortiça de baixo coeficiente de porosidade, visto a percentagem das que produzem refugo ser menor ali do que nos sobreirais das Beiras e Estremadura, afirmamos-nos que, baseados principalmente na intensidade do crescimento da cortiça, podemos explicar o mais alto nível da sua qualidade média.

É, a-final, caso idêntico ao que se observava nos sobreirais da Catalunha, com os afamados *treffinos* da região pirenaica e, em menor grau, nas nossas serras de Grândola e do Algarve.

Em Trás-os-Montes, o solo acidentado, rochoso, pobre; um clima agreste, já na vizinhança da fronteira geográfica da espécie; o regime de grande densidade, a elevada superfície de descortijamento, du-

pla em muitos casos da normal, imprimem ao produto ali criado características especiais. Predominam as cortiças muito delgadas, com camadas anuais de escassa espessura, atenuando consideravelmente todos os defeitos constitucionais.

Para valorizar esta cortiça sob o ponto de vista do calibre, elevam os subericultores catalães a idade de

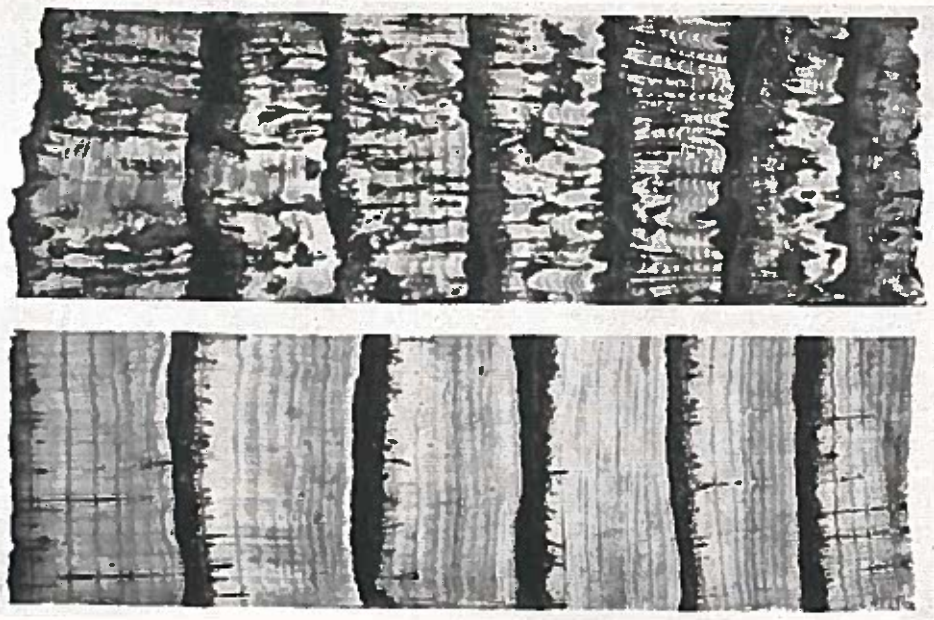


Fig. 3 — Qualidades extremas de cortiça proveniente de uma parcela de sobreiral, na Estremadura. A ausência de desbastes visando a melhoria da qualidade média dá nido predominio aos refugos e faz que passem despercebidas as melhores cortiças, em nada inferiores às dos bons montados alentejanos

criação para 12, 15 e 18 anos. Obtêm-se assim cortiças compactas, mais densas e duras (sem atingirem todavia os perigosos excessos de algumas cortiças norte-africanas), pouco porosas e de um calibre que as torna incomparáveis para algumas das mais remuneradoras aplicações da cortiça. É, digamos, a produ-

ção suberosa *au raleiti*, o *pouco e bom* dos velhos tempos, que não satisfaz as exigências crescentes dos produtores.

Mas o estudo desta cortiça evidencia que os defeitos constitucionais apenas são atenuados nas cortiças delgadas pelo moroso crescimento. De facto, encontra-se, de árvore para árvore, a mesma diversidade nos caracteres da assentada geradora da cortiça que oferecem os sobreiros do centro e do sul; e em face dos tipos de lenticulas que encontramos é de prever que, submetidas as árvores a condições de meio e de tratamento mais favoráveis à expansão vegetativa, se evidenciem então todos os defeitos próprios das cortiças criadas nessas condições e se agrave sobretudo a sua porosidade.

Não se suponha, contudo, pelo facto do nível médio da qualidade ser superior ao que é vulgar nas cortiças produzidas ao norte do Tejo, que se nos deparam uniformemente cortiças boas. Há também refugo, há *prego*, há *bofe*, há cortiças grossas de boa qualidade e cortiças grossas ordinárias, há cortiças delgadas muito porosas, demonstrando cabalmente quanto acima das influências do meio dominam os caracteres individuais da árvore. Apenas neste caso particular é maior a percentagem de cortiças delgadas de mediana e boa qualidade porque a intensidade de crescimento baixou a um nível muito inferior ao normal. Até certo ponto, pode comparar-se essa melhoria com a que se observa, em qualquer árvore, na cortiça das pernadas em relação à da base do tronco, como deixaram entrever os esquemas anteriores.

*
*
*

Esclarecida assim um pouco a questão importantíssima da qualidade da cortiça, podemos já com mais segurança abalancar-nos ao problema do seu melhoramento nos sobreiros do centro e norte do país.

A possibilidade da cultura está amplamente demonstrada na forma como vegeta a espécie e na pujança da regeneração espontânea; a oportunidade do alargamento da área cultural também se nos afirma indiscutível, apesar do pessimismo que amiúde reina no arraial corticeiro, desânimo que já levou alguns a preconizar a delimitação das regiões suberícolas, de modo análogo ao que se tem feito para as regiões vinhateiras... enquanto alguns países afa-

nosamente trabalham para aumentar a sua produção, e outros diligentemente persistem em introduzir a valiosa espécie nos seus territórios.

Somos dos que acreditam que a capacidade de consumo de cortiça, em face das possibilidades mundiais de produção, é praticamente ilimitada, se soubermos orientar com carinho e espírito progressivo a exploração desta riqueza. E em breve teremos oportunidade de focar aqui esse aspecto na parte que respeita a política da produção.

Por agora apenas desejamos salientar que dois propósitos, ambos com o maior interesse para a economia nacional, visa esta nossa sugestão: 1) robustecer o património suberícola português e a nossa posição de primeiro país produtor, porque a exploração desordenada de muito arvoredo, os exagerados desbastes e cortes rasos, a que a nossa profusa legislação não pôs còbro, desfalcaram consideravelmente esta riqueza. Só daqui a alguns anos, quando fôr impossível manter a exportação no nível actual, poderemos avaliar com rigor a importância dessas devastações. 2) valorizar, por mais rendosa exploração, e quasi sem encargos, alguns milhares de hectares, votados hoje a uma cultura florestal pobre, rotineira, primitiva. Ambos se nos afiguram dignos de ser estudados e ponderados.

Dois aspectos do importante problema desejamos por agora focar aqui: — o da quantidade, que exige modificações na constituição dos povoamentos actuais, e o da qualidade. Embora seja este último que mais interessa o presente artigo, não podemos passar em claro o primeiro, a que o segundo está em parte subordinado.

MODIFICAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DOS POVOAMENTOS

No regime de divisão da propriedade característico do centro e norte do país, os núcleos florestais que se nos deparam, — excluídos os povoamentos puros de Pinheiro bravo, que dia a dia se alargam e ameaçam subverter a flora folhosa, os eucaliptais e os já raros carvalhais e soutos, — são constituídos por uma mistura de espécies arbóreas e arbustivas de origem espontânea. Localizados nos pontos menos férteis, inadequados ou difíceis para a cultura agrícola, são o complemento desta exploração, fornecendo o mato, lenhas, o carvão de cepa e alguma

madeira. Nos carvalhais em talhadio, cada vez mais desvalorizados, extrai-se a casca e o carvão, em revoluções que a velhice e a decadência das toijas elevam a extremos inadmissíveis (1).

O tratamento limita-se ao corte periódico do mato e aos desbastes necessários para corrigir a densidade excessiva que asfixiaria a manta viva. A regeneração

de *pirus* e *prunus* sem valor florestal, etc., mas só por excepção não encontraremos já instalado ou nas proximidades o futuro invasor e dominador, o Pinheiro bravo.

A constituição destas matas é defeituosa, quantitativa e qualitativamente. Nenhum esforço todavia se fez até agora para valorizar estes núcleos florestais



Fig. 4 — Trecho de um sobreiral do norte mostrando a possibilidade de conjugar a exploração suberícola com o aproveitamento da manta viva

neração natural se confia a perpetuação dos povoamentos, que podemos considerar derradeiras parcelas do *maquis* primitivo.

Conforme as regiões, encontramos associados ao Sobreiro, e para só citar as espécies mais frequentes e de maior valia, o medronheiro, os carvalhos, os adernos e o lentisco, o folhado, os pirliteiros, diver-

tais que ocupam, no conjunto, uma área considerável no centro e norte do país, — aquela área que se deveria incluir nas estatísticas sob a rubrica de *mal aproveitada*, dolorosa transição entre o inculto e o cultivado; — nenhuma tentativa séria podemos assinalar para o melhor aproveitamento da terra pelo estudo das essências, da composição dos povoamentos e do tipo de exploração.

Tal empreendimento interessa mais o Estado do que o pequeno proprietário particular, já afeito à me-

(1) V. Natividade. «Talhadios de Carvalho Português», 1929.

diania do nosso viver. Não esperemos dele, acobru-nhado pelas incertezas das culturas que lhe dão o ma-gro pão de cada dia, pouco propenso a construir para o futuro e pouco interessado pelos êxitos longínquos, iniciativa franca a tal propósito.

Seria aconselhável dar nos povoamentos actuaes nítida preponderância ao Sobreiro pelo aproveita-



Fig. 5 — Consociação do Sobreiro com o Carvalho por-tuguês e medronheiro, estes em regime de talhadio

mento da população espontânea e eliminação gra-dual das espécies concorrentes de menor valor.

Esta conversão, para empregarmos o termo flo-renal, tem nítidas vantagens. Se exceptuarmos o Ro-ble, o Pinheiro, é escasso ou nulo o valor silvícola das espécies indígenas que com o Sobreiro concor-rem. O Carvalho português só fornece a longos in-tervalos lenha e má madeira, as restantes espécies, quasi todas elas de moroso crescimento também, apenas lenha de qualidade medíocre para os usos caseiros.

Não se sacrificaria nos novos povoamentos o in-dispensável aproveitamento periódico do mato, e até nos casos em que se torne necessária a produção de maiores volumes de lenha do que os desbastes normais do sobreiral podem fornecer, temos o tipo do talhadio composto, fig. 1 e 5, que se adapta per-feitamente a esta modalidade de exploração. O alto fuste seria constituído pelo Sobreiro, o talhadio pelo carvalho, medronheiro e outras espécies adequadas. O próprio Pinheiro bravo se admite nesta consocia-ção desde que se lhe corrija a tendência dominadora e desde que a sua densidade não collocasse em perigo ou dificultasse a vida das outras espécies.

Sem prejuizo para a pequena propriedade dos objectivos principais que visa a tradicional explora-ção das matas, e apenas pela substituição nos pe-queños núcleos florestais das espécies de diminuto valor pelo Sobreiro, teríamos valorizado muitos mi-lhares de hectares e apreciavelmente enriquecido o patrimonio nacional. Dentro das possibilidades que se evidenciam pode admitir-se sem esforço que tal conversão representaria para a economia das pro-víncias ao norte do Tejo, dentro de curto prazo, o beneficio anual de muitas dezenas de milhar de contos, repartidos por um número considerável de pequenos proprietários.

Tal obra é possível desde que se ponha em prá-tica maior assistência técnica florestal. A propaganda pela imprensa e por meio de folhetos, a exemplifi-cação em matas particulares sob a orientação dos técnicos officiais, o recurso enfim a todos aqueles meios que os países progressivos adoptam para ven-cer a indiferença, a rotina e tantas vezes o desleixo, levar-nos-iam a uma situação suberícola invejável.

O MELHORAMENTO DA QUALIDADE

Dois aspectos há aqui a considerar: 1) Selecção do material espontâneo para elevar a percentagem de cortiças de boa qualidade, segundo o método já tradicional no sul do país, e 2) criação de povoa-mentos artificiais com indivíduos geneticamente ho-mogéneos e com características conhecidas.

Não está na índole do Boletim o estudo destes aspectos; por isso nos limitamos a resumida refe-rência aos pontos de maior interesse.

O primeiro método, embora precário, é o único a que podemos recorrer desde já. O seu êxito de-

pende sobretudo do volume do material a selecção-nar, pois quanto maior for a densidade inicial do povoamento, e portanto o número de indivíduos sô-bre que incide a selecção, mais probabilidades tere-mos de elevar a percentagem de indivíduos com ca-racterísticas favoráveis no povoamento definitivo.

Embora seja este o processo que deu renome às cortiças do sul, há que reconhecer a sua insuficiência. De facto, nos povoamentos das províncias do centro e do norte, onde livremente proliferaram em inume-ráveis gerações os mais estranhos produtos de segre-gação, a massa espontânea a seleccionar é no geral bastante pobre sob o ponto de vista da qualidade. Por isso a condição basilar para o êxito deste método é manter uma densidade elevada até à extracção da cortiça segundeira, quando já se evidenciam as ca-racterísticas comerciais do produto e com mais segu-rança é possível então seleccionar as árvores.

Esta densidade inicial elevada contribue para dar aos fustes maior altura e, modificada oportuna-mente, não prejudica nem a forma das copas, que a

poda ulterior guiará, nem o desenvolvimento da manta viva. Os sucessivos desbastes proporcionam por sua vez apreciável volume de material lenhoso. Quando a simples protecção nas roças aos Sobreiros espontâneos não bastar para o repovoamento com-pleto, recorrer-se-á à sementeira ou, preferivelmente, à transplantação, para o preenchimento das clareiras.

O segundo aspecto que consideramos, e o único verdadeiramente eficaz, embora de início mais dis-pendioso e de generalização mais difícil, se atende-mos ao habitual desinteresse pelo futuro, só pode ser aplicado quando for possível pôr à disposição dos subericultores material seleccionado e propagado por via vegetativa. A este método, que abrirá novas possibilidades à exploração suberícola portuguesa, será consagrado oportunamente um artigo especial. Embora se aplique à criação de novos montados, de modo algum contraria o trabalho de valorização da produção suberícola das províncias do centro e do norte a empreender desde já, de harmonia com as sugestões que resumidamente apresentamos.

